

Via Latina

Ad Libitum

Revista Via Latina Fórum de confrontação de ideias Número 5 Série VI Março de 2008 Preço 3 euros

nas linhas da imaginação

Directora: Raquel Mesquita

Directores-adjuntos: Pedro Crisóstomo, João Miranda, Sofia Piçarra

Conselho Consultivo: Raquel Mesquita, Pedro Crisóstomo, Helder Almeida, Dr. António de Almeida Santos, Dr.^a Fátima Lencastre, Prof. Dr. Fernando Regateiro, Prof. Dr. Henrique Veiga, Prof. Dr. Rui de Alarcão

Grafismo: Pedro Crisóstomo, Raquel Mesquita, João Miranda, Sofia Piçarra

Tratamento de Imagem: Raquel Mesquita, João Miranda

Capa: Fotografia - Francisco Nunes

Agradecimentos: Secção de Jornalismo da Associação Académica de Coimbra, Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra, Fernando Seabra Santos, António Bandeirinha, António Luzio Vaz, Nuno Braga, Rui Antunes, Rui Velindro

Fotocomposição e impressão: Gráfica de Coimbra, Lda.

Tiragem: 500 exemplares

Nº Registo na DGCS: 124422

Nº Depósito Legal: 53140/90

Via Latina - Fórum de Confrontação de Ideias

Sede: Secção de Jornalismo
da Associação Académica de Coimbra,
Rua Padre António Vieira, nº1
3000-315 Coimbra Portugal

Produção: Secção de Jornalismo
da Associação Académica de Coimbra

Periodicidade: Anual

Publicidade e assinaturas: Secção de Jornalismo
da Associação Académica de Coimbra
Tel: 239 821 554 Fax: 239 821 554

Apoios:



"Via Latina" é propriedade da Associação Académica de Coimbra
Interdita a reprodução, mesmo que parcial, de textos, fotografias ou ilustrações
sob quaisquer meios, e para quaisquer fins, inclusive comerciais



Reitoria da
Universidade de
Coimbra



Serviços de Acção
Social da
Universidade de
Coimbra

INDEX

14

EDITORIAL		17
A IMAGINAÇÃO	Torres Farinha	19
A IMAGINAÇÃO E O COSMOPOTOLISMO DE PESSOAS COMUNS	João Teixeira Lopes	24
FERNANDO PESSOA, UMA ALFACE E A MAFALDA	Helena de Sousa Freitas	26
IMAGINA QUEM SONHA	Martha Mendes	32
ULISSES - O HERÓI DA IMAGINAÇÃO	Delfim F. Leão	34
PEPLUM: UM CINEMA POPULAR	Fausto Cruchinho	35
A CRIAÇÃO COMO (DES)ILUSÃO PRÁTICA DA IMAGINAÇÃO	João Crisóstomo e Luís Loureiro	40
A IMAGINAÇÃO	Urbano Tavares Rodrigues	43
ROMANCE DE UMA LINHA SÓ	Hélder Wasterlain	44
DO OUTRO LADO DO ESPELHO?	Maria Manuel Borges	46
UM LENÇO E UM CAFÉ	João Aguiar	52
SEM TÍTULO	Alexandre Oliveira	56
COIMBRA-B	Marta Costa	58
A IMAGINAÇÃO E A ESCOLA	Eduardo Sá	60
DESIMAGINAÇÕES DE PAZ E LIBERDADE	Paulo Nuno Vicente	64
SEM TÍTULO	Rafael Antunes	66
SE NUMA NOITE DE INVERNO UM LEITOR IMAGINASSE...	Sara Peres	67
ATRAVÉS DO ESPELHO CONVEXO	Adérito Araújo	73
SEM TÍTULO	Alexandra Sousa, Dulce Fialho e Inês Murta	78
IMAGINAÇÃO E GEOGRAFIA FÍSICA : EXEMPLOS DE UMA METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA	Fernando Rebelo	82
SEM TÍTULO	Raquel Mesquita	91
SEM TÍTULO	João Paulo Wadhoomall	92
DOS IMAGINÁRIOS, DA IMAGINAÇÃO E DAS IMAGENS	António Pimentel	94
IMAGINAÇÃO E EXPERIÊNCIA DO MUNDO	Adriano Rodrigues	99
A ECONOMIA COMO EXEMPLO DA IMAGINAÇÃO	Paulo Rosário	110

“PODE SER QUE NOS GUIE UMA ILUSÃO.” O TECIDO
NARRATIVO DA IMAGINAÇÃO

João Umbelino 115

SEM TÍTULO

Rui Velindro 104

SEM TÍTULO

Thiago Neves 128

IMAGINAR O PASSADO, AGORA

Rui Bebiano 130

SENTO-ME. AJUSTO A CADEIRA. ESCREVO

Fernando Oliveira 136

NOITE DE DESTINOS

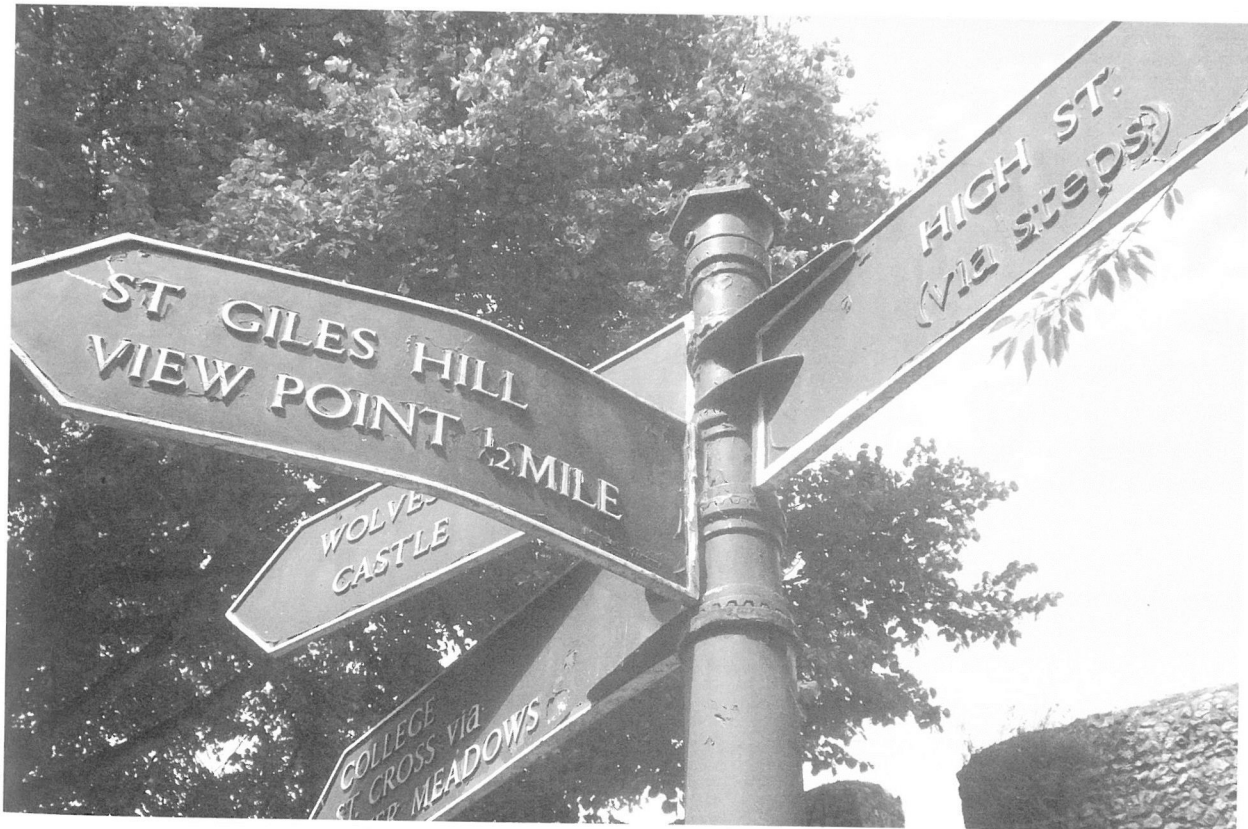
Ricardo Machado 139

SEM TÍTULO

Joana Nunes 141

VENDO COIMBRA DA MINHA JANELA

João Alexandre 142



DOS IMAGINÁRIOS, DA IMAGINAÇÃO E DAS IMAGENS

notas sobre fragmentos de património integrado do Paço das Escolas



Texto: António Filipe Pimentel
Pró-Reitor para o Património da Universidade de Coimbra



Um dos maiores artistas que Coimbra albergou nos seus 2000 anos de vida urbana (e um dos grandes do seu tempo) foi, certamente, João de Ruão, que aqui viveu por mais de meio século, até ser surpreendido pela morte, em 1580, vítima da peste que grassava e alcançou vencer a sua robustez, numa idade provecta que rondaria os anos desse século. Escultor e arquitecto (ou arquitecto e escultor), modelaria como poucos, de facto, a *imagem* da cidade, ainda medieval, onde aportara e que ajudaria a trans-figurar, nesse tempo angular que acompanha a fixação definitiva da Universidade: a instituição que, por seu turno, a modelou. E a documentação, onde se fixa o rasto da sua obra e vida, outorga-lhe amiúde a designação de *imaginário*. Título invejável, de criador de imagens, concebidas primeiro na sua *imaginação* e depois plasmadas na brandura imaculada do calcário “de Ançã”. Uma reinvenção perpétua das humanas formas, essa sua; uma (re)criação contínua, deramada por figuras avulsas, túmulos, portais ou grandes textos narrativos retabulares, ao mesmo tempo que, como poucos, riscava a arquitectura (na Fonte da Manga ou na Serra do Pilar) em projecção abstracta de uma *imagem* mental.

No momento, pois, em que, no *desktop* do meu computador, por minha vez encastelo ideias sobre as imagens encasteladas que um aluno meu (e fotógrafo) colheu no interior do Paço das Escolas, em contexto de trabalho escolar, e me deixou com o repto de, sobre elas, cerzir um (mini-)texto que as unisse e integrasse numa qualquer lógica interpretativa, essa ligação entre imagem criada, imaginação e imaginador — a essência do processo artístico, mas também (*et pour cause*) do processo cultural que lhe pré-existe (e que o conceito

de *Património* integra e funde) — (a)figura-se ante mim com absoluta nitidez. Numa consciência crua do *poder da imagem*, que superioriza sobre o homem comum o artista criador (por isso *divino*, no dizer dos coevos de Ruão), mas também da dependência que o poder, em sentido estrito, sempre manteve em relação às imagens que o materializam e sobre as quais, desde que o tempo é tempo, assenta em boa parte a sua vital intelegibilidade: numa relação anterior à própria História, por conseguinte, onde a imagem avulta como *primeira escrita*. E, nesse sentido, imagem é poder e o poder é, essencialmente, a sua imagem. Numa relação tanto mais obsessiva (com a imagem mítica e com a *vera* imagem) porquanto, até ao tempo recente da *imagem real*, toda a imagem é ficção: toda a imagem é um ícone.

A Universidade não escaparia à regra e nem, decerto, poderia, escola de ficções como é — no sentido em que ciência e cultura por natureza o são, na sua apropriação racional de construções abstractas — e espaço de poder: poder do saber e poder-poder, enquanto domínio jurídico e administrativo sobre homens e coisas. Por isso buscou cedo a sua *imagem*, o seu ícone: a *Sapiência*, virgem coroada e majestática, personificação do poder do saber, proclamado ao Universo em salomónica autoridade: *Per me reges regnant et legum conditores justa discernunt*, haveria de dizer. E por isso havia de apô-la, como marca de posse e de domínio, nas coisas (livros, alfaías, pedras) em que, no decurso do tempo, se materializa, enquanto instituição e espaço de poder. Mas também, num plano simbólico (heráldico), enquanto cenário e espaço retórico: contemplando (a *Sapiência*), qual Janus bifronte, do alto da *Porta Fér-*

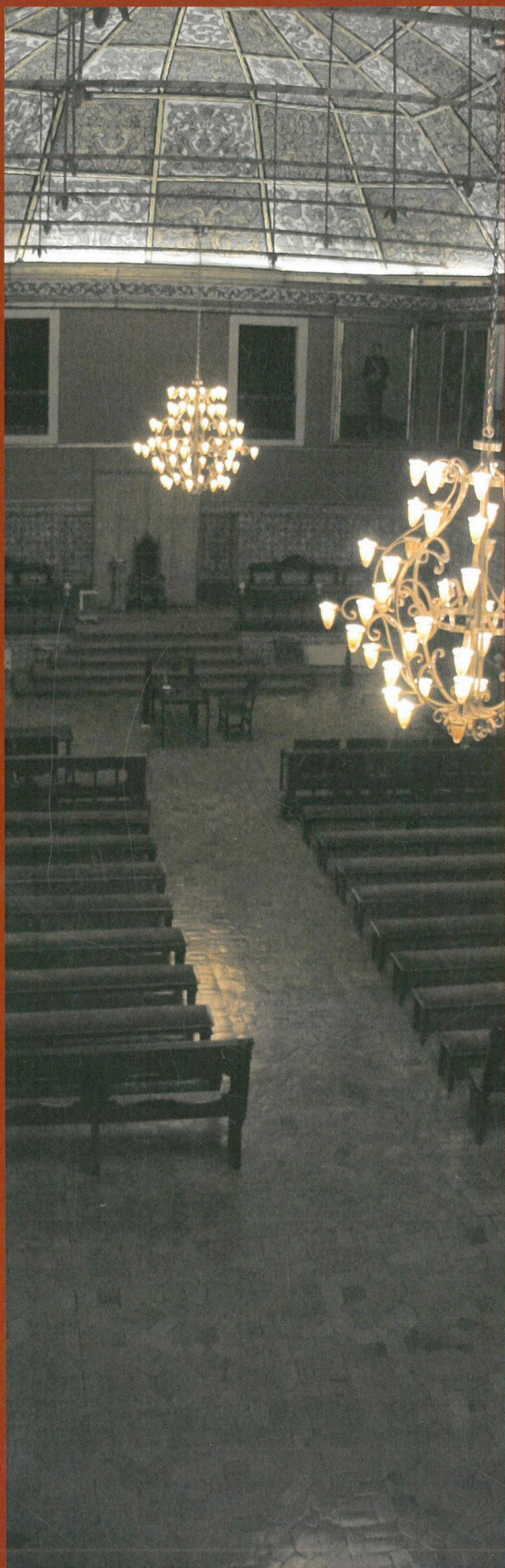
rea, a entrada iniciática do palácio escolar (e a isso voltaremos) a um tempo o macrocosmos que lhe preexiste, externo e profano e o microcosmos interno, sagrado, que a define. E é ela ainda, a Universidade-Sapiência, agora na versão clássica de musa, que nos olha, em rítmica sucessão, do alto dos tectos da sua Biblioteca, em síntese alegórica ao saber universal: nessa Casa da Livraria, também ela simultaneamente palácio das musas e espaço de poder. Por isso a um tempo palácio e templo.

Palácio e templo, com efeito, essa estranha e fascinante biblioteca, que a tradição designaria de *Joanina* em homenagem ao seu promotor (D. João V), que nela geraria um dos mais subtis e refinados produtos do Barroco europeu: esse movimento onde estética, cultura e ideologia alcançam fundir-se em suprema harmonia e que, por isso mesmo, não poderia deixar de repercutir-se em força na Universidade e, sobretudo, deixar de ser um tempo de ícones. Donde a deliberadamente não resolvida ambiguidade do seu esplendor áulico-litúrgico: entre o mundano cosmopolita de um *cabinet chinois* e a penumbra dourada de uma *igreja de ouro*. Necessária à liturgia do poder: o poder que a tornou possível (e a protegeria, na revolução cultural que consubstanciava), materializado no esplendor exaltante do retrato régio (obra notável de Duprà) e na forçada axialização do espaço interno — nave e *retábulo* esses que são chave para os seus enigmas.

Como espaço litúrgico por excelência — mas da própria liturgia auto-exaltante da Universidade, enquanto corporação e *missionária* — é a chamada *Sala dos Capelos*, ou *Sala Grande dos Actos* na designação oficial (a velha sala do palácio régio, reconfigurada ao cenário escolar). E por isso, também ela, espaço barroco, minuciosamente icónico, cuja reorganização na actual versão tem começo, justamente, por 1650: quando o Barroco ensaia os seus primeiros passos. E espaço ambíguo, de igual modo, deliberadamente, entre a auto-exaltação do poder escolar, ritualmente celebrada nos esplendores do cerimonial e a desse outro poder (régio) donde emana o seu, simbolicamente configurado na figura tutelar do *Protector-Rei* e na relação de mútua conveniência que, pelos séculos fora, ambos alimentam. Aliança materializada, ao alto, no imponente anel da galeria régia de retratos, empreendida então por Karl Falch (de Afonso Henriques a João IV) e depois regularmente acrescentada. E, alguns passos adiante, seria ainda e sempre essa obsessiva ideia a reconfigurar-se em outro espaço de poder: a que fora câmara real e (talvez pelo seu recato, no piso alto do palácio, quase no ângulo noroeste) histórico cenário da primeira reunião do conselho escolar no insigne edifício, em 13 de Outubro de 1537 e logo transfigurada em *Sala do Exame Privado*.

Marco, como o nome indica, do exame reservado





(solene e, na origem, nocturno) que possibilitava o acesso à licenciatura e, com ela, ao magistério superior. Aí, com efeito, se empreenderia, pelos mesmos anos, uma outra galeria de ícones, de valor não menos simbólico que a dos retratos dos monarcas na sala pública escolar: a dos reitores desde a transferência da Universidade para Coimbra (marco miliário da sua assunção como espaço retórico de poder), cenário este configurado na actual versão em 1701/02, quando Ferreira de Araújo executa o belo tecto de *brutescos*, onde o escudo real constitui chave (também simbólica) do próprio sentido do recinto. E, fechada a sala no plano iconográfico com a representação do derradeiro prelado antes da *Reforma Pombalina* de 1772, nova galeria se enceta, em harmonia com a ideia de uma *Nova Fundação* que lhe presidiria: não por acaso na *Sala do Docel*, novo espaço ritual e de poder organizado nos aposentos reitorais e que o tempo converteria (sem perda de valor retórico) em *Sala do Senado*: e onde, um século mais tarde, a exaltação patriótica e comemorativa oitocentista imporia outro ícone de elevado valor semântico: Pombal, o *marquês reformador*, símbolo do triunfo da ordem nova contra a ordem velha e da laicização da Escola (para-)clerical.

E é essa galeria, em fim de contas — em que no reitor que a representa se ilustra a projecção no devir histórico da própria instituição — que, pouco a pouco, por sucessiva imposição espacial, se tem vindo apossando do palácio inteiro: numa celebração litúrgica que se expande pela *Sala Amarela*, pela *Sala Azul*, pela *Sala de Letras*, pela *de Farmácia*... Cores icónicas, também elas; cores litúrgicas. Em demonstração eloquente do poder da imagem e, com ele, se é certo que nem sempre da *virtus* do seu *imaginário*, no sentido em que o fora Ruão, por designação (e mérito) de ofício, seguramente do poder que a imagem, enquanto ícone, detém na corporização dos conceitos abstractos que, de ideias e *topos*, vamos fabricando.

E é por isso que é, em fim de contas, o próprio Paço das Escolas (onde Ruão configuraria os primeiros trechos directamente associados à presença da Universidade e, com eles, a torre que antecedeu a que hoje temos e desde o século XVIII haveria de converter-se no seu ícone-mascote) e em cujo interior se albergam as figuras-imagens que temos visitado, que — na sua síntese radicalmente original de fortaleza, palácio e escola; no seu passado incrível de 1000 anos e na subtil osmose que, nos últimos 500, levaria a cabo com a Escola que abriga — acabaria por converter-se na sua *vera imagem*. Por isso correntemente designado, simplesmente, de *Universidade*: a instituição que não apenas alberga mas, de facto, poderosamente ajuda a caracterizar, na sua particular forma de ser e estar. Em exemplar demonstração, afinal, da importância da imagem, da imaginação e do(s) imaginário(s).VL



Aos meus alunos de História de Arte